

Moradores de São Sebastião e Paranoá que morreram com febre e dores pelo corpo tinham em comum o endereço em regiões carentes

Três histórias sem uma resposta



ADAUTO GOSTAVA DE TOCAR VIOLÃO COM AMIGOS: MORTE REPENTINA

GUILHERME GOULART E MARIA FERREI

DA EQUIPE DO CORREIO

Eles eram jovens e de famílias humildes. Moravam em bairros com pouca infra-estrutura — dois deles na região de São Sebastião e outro em uma invasão do Paranoá. No último fim de semana, foram atendidos na mesma unidade de saúde, o Hospital Regional do Paranoá (HRPa). Todos apresentavam o mesmo quadro clínico: febre alta, dores no corpo e fraqueza

muscular. Eles morreram menos de três horas após a internação. Uma série de coincidências une Denifer Quintanilha Utiwma, 17 anos, Adauto Silva de Lima, 16, e Maurícia Jesus Nascimento, 21. Mas a maior delas ainda é um mistério.

A doença que matou as três vítimas não tem sequer um nome. Não se sabe se as mortes ocorreram por um vírus, uma bactéria ou se o mal foi transmitido pela água ou pelo solo. “Nenhuma hipótese está descartada. Não podemos afastar nenhuma possibilidade, nem ter a leviandade de

Paulo H. Carvalho/Reprodução 24.5.04



DENIFER QUINTANILHA TINHA 17 ANOS E DEIXOU UMA FILHA AINDA BEBÊ

eleger uma patologia”, disse o secretário de Saúde do Distrito Federal, Arnaldo Bernardino. Ontem, o **Correio** visitou famílias e amigos dos jovens mortos.

“Queima essa doença”

“Queima essa doença, Jesus. Queima ela”, implorou com lágrimas no olhos a avó de Adauto, a aposentada Anésia Pereira da Rocha, 55 anos. Em todas as casas, os parentes e amigos levantaram hipóteses para a tragédia. Em São Sebastião, suspeitam da qualidade da água. No Paranoá, suspeitam de contaminação pe-

la urina e fezes de ratos.

A morte das três pessoas com sintomas tão semelhantes e pouco reveladores sobre a doença fatal assusta a comunidade de São Sebastião e Paranoá. O assunto tomou conta das rodas de conversa.

Nas escolas onde Adauto e Denifer estudavam, alunos e professores estão receosos. As garrafinhas de água mineral tornaram-se acessórios indispensáveis da garotada. Amanhã, o Centro de Ensino Fundamental do Bosque e o Centro de Ensino N° 1 organizam passeia-

ta para cobrar uma resposta para as mortes.

A misteriosa doença continua a preocupar a comunidade de São Sebastião. Na Escola São José, localizada no mesmo bairro onde Denifer morava, duas alunas faltaram às aulas ontem por causa de febre, vômitos e dores no corpo. “Orientamos aos alunos que cobrem dos pais medidas preventivas em casa. Aqui, a água usada na merenda é toda fervida e ainda contamos com um filtro central”, revelou o assistente de direção, Marcelo Santos da Silva.

“NÃO QUEREMOS MAIS VOLTAR PARA AQUELA CASA. ELA NÃO SERVE MAIS. HÁ LEMBRANÇA DO MEU FILHO POR TODA A PARTE. QUERO NEM MAIS CHEGAR PERTO.”

Analina Silva de Lima, 35 dona-de-casa, mãe de Adauto Silva de Lima

Um adolescente alegre, que não ficava doente

Uma das vítimas da doença misteriosa de São Sebastião morava em uma comunidade rural da cidade, conhecida como Vila do Boa. O estudante Adauto Silva de Lima, 16 anos, dividia com a família — mãe, pai e quatro irmãos — uma casa simples de alvenaria, com paredes brancas e portões verdes recém-pintados. Ali, na Rua 6, as estradas são de chão batido. Assim como em todo o vilarejo.

Era naquela vermelhidão que o garoto costumava reunir os colegas para brincadeiras e tocar violão. Fã de Raul Seixas e Legião Urbana, Adauto já ensinava os primeiros acordes aos mais íntimos. Ativo e praticante de esportes, ele raramente ficava doente. Na última quinta-feira, o corpo cansado, os vômitos constantes e as dores generalizadas não o deixaram mais sair da cama.

Os primeiros sinais da doença que o mataria dois dias depois assustaram a família. “Ficamos todos aflitos, pois nada do que ele comia parava no estômago. Acharmos que fosse gripe, pois ele espirrava muito”, revelou a mãe do adolescente, a dona-de-casa Analina Silva de Lima, 35. No dia seguinte, a saúde de Adauto piorou. Começou a falta de ar, intensificada na manhã de sábado. Não havia posição que o reconfortasse.

Desespero

Durante todo o dia, ele não conseguiu dormir. A agonia se prolongou até as 2h, quando Analina não suportou mais o desespero do filho. Ao lado do pai dele, o pedreiro João Alves de Lima, 36, correu com Adauto até o posto de saúde de São Sebastião. Em seguida à consulta, foram informados pela equipe médica que ele deveria ser transferido com urgência para o Hospital Regional do Paranoá (HRPa).

A mudança de hospital ocorreu com a ajuda do Corpo de Bombeiros, que disponibilizou um carro para a família. A chegada ao centro clínico aconteceu às 2h40. Menos de três horas depois, Adauto morria sem que houvesse qualquer explicação para o mal que lhe tirou a vida. No atestado de óbito divulgado pelo Instituto de Medicina Legal (IML), apenas “febre de ordem desconhecida, com causa de óbito a esclarecer”.

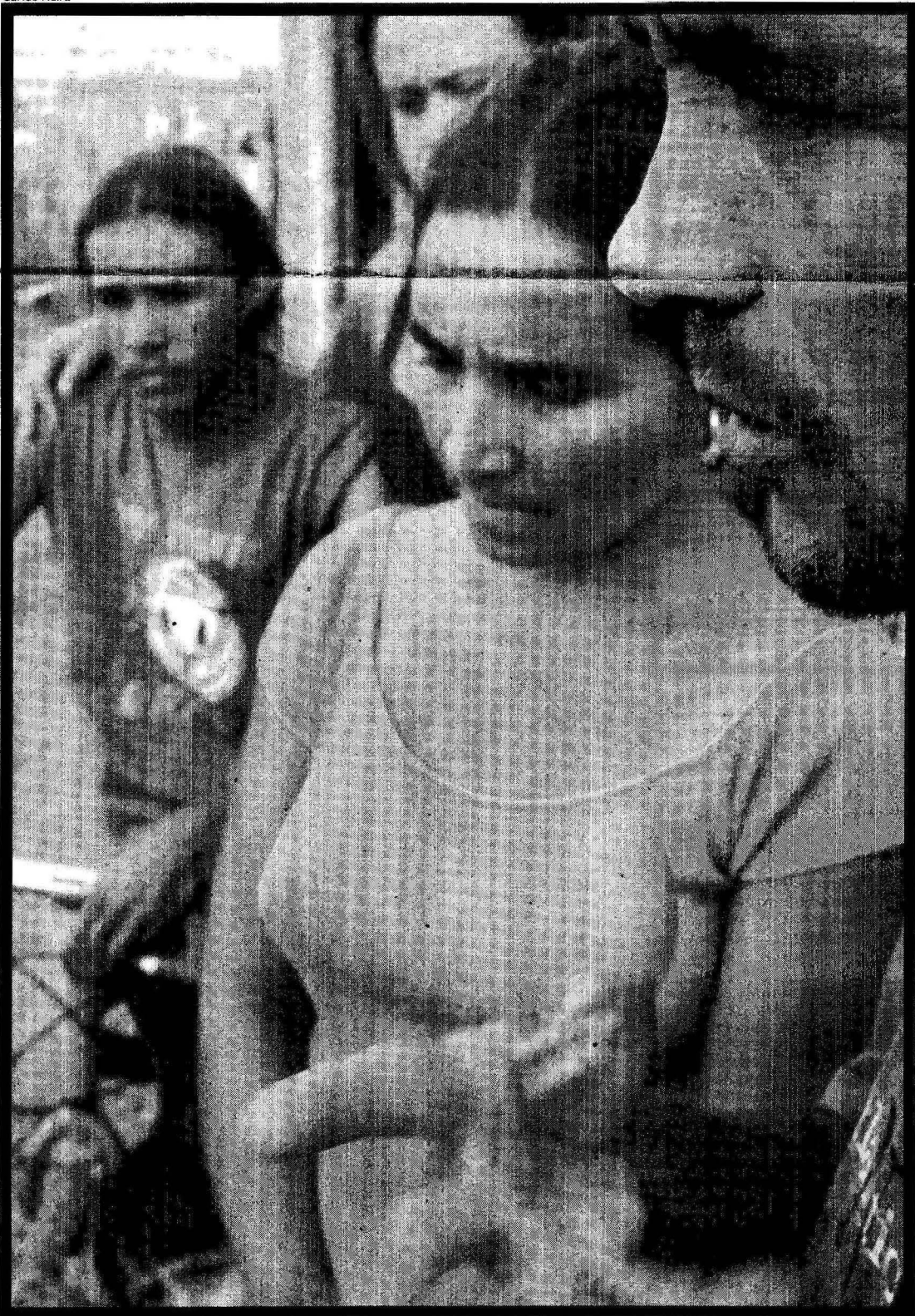
Água de mina

Apesar da falta de esclarecimento sobre a doença fatal, a família de Adauto suspeita da água consumida pela comunidade de Vila do Boa. Sem saneamento básico, toda a vizinhança explora uma mina localizada a poucos metros do vilarejo. A água não recebe nenhum tipo de tratamento, mas é usada pela comunidade para consumo, banho e preparo de alimentos. Até a morte do garoto, não se pensava em nenhum cuidado maior, como ferver a água.

Segundo a mãe e o pai do estudante, a mesma fonte era usada pelos sete moradores da Rua 6. Nenhum deles apresentou qualquer sintoma semelhante aos que Adauto sentiu. “Ainda assim, estamos todos preocupados”, disse Analina. Os parentes da vítima voltaram para Brasília ontem de madrugada, depois de três dias em Coribe (BA), cidade natal da família, onde o corpo foi sepultado.

Desde que retornaram à capital, eles não voltaram mais à Vila do Boa. Estão todos com os avós, em uma invasão próxima ao bairro Morro Azul, também em São Sebastião. A moradia é de madeirite, mas recebe água tratada da Caesb. “A casa não serve mais. Há lembrança do meu filho por toda a parte”, lamentou a mãe de Adauto. (G.G.)

Carlos Vieira



A FAMÍLIA DE ANALINA DE LIMA NÃO QUER MAIS VOLTAR PARA A SUA CASA: DESDE O ENTERRO, TODOS SE MUDARAM

Vida difícil na invasão

Maurícia Jesus Nascimento, 21 anos, vivia de favor numa casa simples de alvenaria da invasão Itapuã II, na região da cidade do Paranoá. Morava na QL 6, numa rua sem asfalto, com Luciana Xavier, 24. Na tarde de ontem, a melhor amiga de Maurícia está tensa. Há duas semanas, Luciana e Maurícia tinham febre, dores de cabeça e na barriga. “Vivíamos de cama com dor. Ela chegou a tomar meu remédio de pressão, que não aliviava nada, tamanho

era o desespero. Chegava a se contorcer”, contou Luciana, que ainda não procurou atendimento médico apesar dos sintomas.

Ela diz que a amiga não se queixava da vida difícil. Estava desempregada, não estudava e se alimentava de doações de vizinhos e da cesta básica que Luciana recebia do governo. Uma das maiores alegrias era o namorado, morador de duas quadras acima, também no Itapuã II. Na quinta-feira, ela ficou horas na casa dele. No dia seguinte, Maurícia passou mal e foi levada às pressas ao Hospital Regional do Paranoá, onde morreu pouco depois de dar entrada. Segundo a amiga, a jovem nunca esteve em São Sebastião. “Estáva-

mos sempre juntas e tenho certeza que ela não conhecia ninguém por lá”, conta a menina.

Hoje faz um ano que a mãe de Maurícia morreu de infarto. Há sete meses, a irmã mais velha da vítima da doença misteriosa perdeu a vida após ser atingida por uma bala perdida na avenida central do Paranoá. Ambas também moravam na casa de Luciana, junto com outros quatro irmãos de Maurícia. O pai de Maurícia ainda vive num barraco de madeirite nos fundos. Três dos irmãos hoje estão num abrigo de Taguatinga. O mais velho, de 16 anos, mudou-se na semana passada para a casa de amigos na quadra 6 do Paranoá. (M.F.)

Uso de água potável há dois anos

Casada e mãe de uma menina de 1 ano e 11 meses, a estudante Denifer Quintanilha Utiwma, 17, dividia uma casa simples no bairro São José, em São Sebastião, com os pais e cinco irmãos. Saudável e sem histórico de doenças, a garota começou a passar mal na última quinta-feira. As fortes dores pelo corpo, seguidas de febre e fraqueza muscular, levaram os médicos do posto de saúde de São Sebastião a diagnosticar gripe.

No mesmo dia, Denifer recebeu uma injeção para controlar a febre e voltou para casa. A medicação fez efeito, mas apenas até sexta-feira. No sábado, a mãe da moça, Deucréigima da Silva Quintanilha, 40, viu a filha acordar em desespero. O mal súbito tinha início com uma crise de diarreia, dificuldades na respiração, mãos frias e arroxeadas. Menos de três horas depois de internada no Hospital Regional do Paranoá (HRPa), Denifer também morreria. E sem explicações para a causa da morte.

Traumatizados, os familiares da vítima não entendem o que pode ter levado a estudante à morte. “Não sabemos o que pensar. Não é possível que seja a água, pois consumimos apenas aquilo que recebemos da Caesb”, disse o pai de Denifer, o garçom Adalberto Tavares da Câmara, 35. De acordo com ele, a família já tem água tratada há dois anos, quando a cisterna da casa foi desativada.

Mesmos hábitos

Ontem, técnicos da Vigilância Epidemiológica estiveram na residência do bairro São José para realizar exames nos moradores. Desde a morte de Denifer Quintanilha, mais nenhum deles apresentou sintomas parecidos.

Porém, os hábitos no trato com a água consumida ainda não foram mudados na família da estudante. “Estamos preocupados, claro, mas falta dinheiro para comprar água mineral”, explicou Adalberto. De acordo com ele, o marido da filha não deu mais notícias desde o enterro, na segunda-feira, no Cemitério Campo da Esperança. O rapaz também mora em São Sebastião. (G.G.)